

Revista

FAMECOS
mídia, cultura e tecnologia

Teorias da Comunicação

História oral e estudos de comunicação e cultura

Oral history and communication studies and culture

MÔNICA PEGURER CAPRINO

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS/SP/BR. <mcaprino@gmail.com>

PRISCILA FERREIRA PERAZZO

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS/SP/BR. <prisperazzo@ig.com.br>

RESUMO

O artigo pretende discutir questões relacionadas às possibilidades de utilização dos métodos da história oral nas pesquisas empíricas em Comunicação. Também se propõe a discutir os atributos que tais pesquisas devem apresentar para que sejam pertinentes para o uso dessa metodologia. Uma das principais questões abordadas é sobre quais objetos ou fenômenos da Comunicação podem ser estudados tendo em vista a metodologia da História Oral. A partir dessa discussão, apontam-se quais as pesquisas de Comunicação que se abrem a essa possibilidade: aquelas que tenham preocupações relacionadas aos universos multiculturais, às identidades locais, às comunidades e às relações existentes entre as pessoas e os processos de comunicação, bem como usos e consumos midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Comunicação e cultura; Estudos de recepção.

ABSTRACT

The paper discusses issues related to the possibilities of using methods of oral history in empirical research in communication. It is proposed to discuss the attributes that such research must submit to that are relevant to the use of this methodology. One of the main questions is about what objects or phenomena of communication can be studied in view of the methodology of oral history. From this discussion, which pointed to research by communication that open to that possibility: those who have concerns related to multicultural universe, to local identities, communities and relationships between people and the processes of communication and media usage and consumption.

KEYWORDS: Oral history; Culture and communication; Reception studies.

Modificados de forma substancial no século XXI, os processos comunicacionais e demais objetos passíveis de estudo na área da Comunicação tem passado a exigir múltiplos esforços metodológicos para a sua compreensão e análise. Debruçar-nos sobre métodos transversalmente acionados nas diferentes Ciências Humanas e Sociais pode ser o caminho para visualizar novos processos metodológicos a serem aplicados à pesquisa empírica em Comunicação, como é o caso da história oral.

No Brasil, os métodos da história oral – dotada de “procedimentos singulares e um conjunto próprio de conceitos” (Amado; Ferreira, 2002, p. xiii) – foram introduzidos por historiadores como Aspásia Camargo, que iniciou em 1975 um programa de gravação de entrevistas no CPDOC-FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro). Nesse método, as entrevistas não são consideradas como simples suporte documental da pesquisa social e histórica. Sua importância e valorização baseiam-se na “possibilidade de reconstituir a história através de suas múltiplas versões” (Camargo, 1990, p. viii-xix) e acredita-se na riqueza inesgotável da narrativa oral em si mesma, como fonte não apenas informativa mas, também,

“

[...] como instrumento de compreensão mais amplo e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contrapoder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores.

(Camargo, 1990, p. vii-viii)

Com o passar das décadas, essa nova perspectiva de análise voltada para os sujeitos da ação – seja na História, na Sociologia, na Comunicação etc. – fizeram com que a história oral demonstrasse não pertencer a um domínio estrito do conhecimento, pois não se pode considerar que tal concepção se aplique mais à História que a outras áreas das Ciências Humanas ou Sociais. Paradoxalmente, a especificidade da história oral se faz justamente na possibilidade de se prestar a diversas abordagens e de se mover num terreno multidisciplinar (Alberti, 1990, p. 1).

Na Era da Informação, conforme a chama Castells (2005), vivemos o tempo em que se ressaltam as subjetividades. Os sujeitos se transformaram, como destaca Stuart Hall (2005, p. 12), e passam a exercer suas identidades por meio do espaço midiático e de suas produções culturais. Dessa forma, torna-se fundamental abarcar possibilidades metodológicas que observem essa emergência de vozes. As significações dos contextos históricos e socioculturais ganham importância no processo de compreensão do papel da comunicação na contemporaneidade (Souza, 2006).

No tocante à pesquisa empírica em Comunicação, as questões dizem respeito não apenas às possibilidades de utilização dos métodos da história oral nessa área, mas também aos atributos que tais pesquisas devem apresentar para que sejam pertinentes diante do uso dessa metodologia. Além disso, surge também o questionamento a respeito das concepções teóricas que fundamentam as possibilidades de investigação que venham a colocar a história oral entre seus métodos. E mais: quais objetos ou fenômenos da Comunicação podem ser estudados tendo em vista a metodologia da História Oral?

Dessa forma, a proposta é discutir as possibilidades de utilizar os métodos de história oral em pesquisas de Comunicação. Como veremos ao longo do texto, a gama de pesquisas que podem ser alvo do uso da metodologia da história oral são aquelas que tenham preocupações relacionadas aos universos multiculturais, às identidades locais,

às comunidades e às relações existentes entre as pessoas e os processos de comunicação, bem como usos e consumos midiáticos. Em geral, poderemos dizer, conforme se verá adiante, que para pensar a história oral como metodologia a ser utilizada nos estudos de Comunicação, o primeiro pressuposto será deixar de pensar a pesquisa em Comunicação somente como àquela que se detém sobre a produção e os processos comunicativos intrínsecos aos meios de comunicação de massa, mas concebê-la também, como propõe Martín-Barbero (2003), como o estudo das mediações entre meios de comunicação e sociedade, os espaços de relacionamento das pessoas com os meios.

Podemos dizer que a busca de novos métodos de análise e de abordagens interdisciplinares torna-se fundamental para a consolidação das pesquisas empíricas em comunicação, principalmente para que avancem em indagações e proposições impostas aos pesquisadores pela atual Era da Informação. Como adverte Mauro Wilton de Souza (2006, p. 14), a metodologia na pesquisa científica é determinante para atingir a realidade empírica que se investiga. Por isso, a pesquisa preocupada em analisar as práticas de recepção dos meios de comunicação na sociedade deve se voltar para novos olhares e buscar um “quadro mais amplo das relações sociais e culturais, em seu jogo de significações históricas, incluindo, mas não dependendo apenas dos *media*” (Souza, 2006, p. 16).

Por esse âmbito de posições, acredita-se que os métodos de coleta, interpretação e análise advindos das narrativas orais de histórias de vida (história oral) poderão contribuir para as pesquisas empíricas em Comunicação como “modelos interpretativos das práticas sociais da comunicação midiaticizada” (Souza, 2006, p. 17).

Método que descortina a subjetividade na ciência

Amado e Ferreira lembram que, “embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, somente no início dos anos 90 a história oral experimentou aqui uma expansão mais

significativa” (2002, p. 45). Em outros países, um aspecto interessante a ser destacado em relação aos primórdios da história oral é que a metodologia passou a ser utilizada para reconstruir a cultura popular. Esses traços históricos já dão um pouco a dimensão do terreno em que se pisa quanto se adere à metodologia da história oral.

Outro aspecto que se deve dar ênfase é que, a partir dessa metodologia de pesquisa, o que se coloca em evidência é o sujeito. “A consideração do âmbito subjetivo da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa [...]” (Amado; Ferreira, 2002, p. 16). Dessa forma, o importante, ao se utilizar a história oral, é fazer o registro de depoimentos de atores sociais que tenham algo a dizer sobre um tema de pesquisa ou que forneçam algum tipo de luz sobre uma época, um fenômeno comunicacional, ou uma situação de mediação. Aliás, essa ênfase ao subjetivo é considerada “uma das principais virtudes da história oral” (Amado; Ferreira, 2002, p. 156) e pode ser um dos aspectos fundamentais da contribuição da metodologia aos estudos de Comunicação.

Entre os procedimentos e técnicas detalhados em livros e manuais orientados àqueles que desejam implantar programas e projetos de história oral, devemos destacar brevemente alguns pontos que constroem o cerne da metodologia e servem à reflexão aqui proposta de sua utilização profícua na pesquisa empírica de Comunicação:

- a) o testemunho oral é o instrumento fundamental dos projetos baseados em história oral, decorrendo daí outras implicações metodológicas, como a escolha dos meios técnicos que serão utilizados para a coleta e armazenamento dos depoimentos (gravação de áudio, vídeo, fichas de registro);
- b) a memória é a instância que passa a nortear as reflexões e dá subsídios aos estudos baseados na história oral. Isso implica o reconhecimento, por parte do pesquisador, de que os dados coletados se baseiam em vivências subjetivas e

individuais, que até podem ser alvo de checagem em documentos primários, mas que não servem àqueles cujas preocupações se dão no âmbito da busca de uma verdade única e monolítica;

- c) as narrativas, com a ênfase às formas de construção e organização do discurso pelos sujeitos, são valorizadas pela história oral e servirão também de objeto de análise para revisitar momentos históricos, compreender processos comunicacionais e culturais.

Uma pesquisa baseada na história oral, portanto, funda-se nas pessoas que serão entrevistadas. As experiências dessas pessoas, quando narradas por elas próprias, permitem recuperar uma história social, cultural e cotidiana trazida pelo “cidadão comum”, ou seja, por agentes da história que não foram heroicizados, mitificados ou transformados em “grandes homens” ou pessoas públicas ou famosas. Nesse sentido, são múltiplos os sujeitos sociais que poderão narrar suas histórias de vida.

O tipo de entrevista denominada história de vida tem como “centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (Alberti, 1990 p. 20).

A história oral de vida é mais subjetiva que objetiva e a pessoa que narra (depoente ou colaborador) tem “maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal” (Meihsy, 1996, p. 35). Desse modo, a verdade está intrínseca na versão do próprio narrador, trata-se da sua verdade, de acordo com suas opções do que revelar ou ocultar. Nesse tipo de entrevista, as perguntas são amplas, colocadas mais como um roteiro por parte do pesquisador para ajudar o depoente/colaborador a conduzir sua narrativa, seguindo a ordem cronológica da vida do entrevistado. A intenção é, a partir da história oral, projetar “o homem comum, nos seus atos aparentemente sem história e fazê-lo aparecer como protagonista” (Martins, 1992, p. 20-21).

Esse percurso desenhado pela história oral mostra àqueles que se debruçam sobre o tema – na tentativa de entrelaçá-lo à pesquisa de Comunicação – as quais âmbitos pertencerão a projetos interdisciplinares baseados nessa metodologia. São métodos que, sem dúvida, descortinam a subjetividade da ciência, uma vez que, calcados em elementos que colocam em xeque a verdade única, a objetividade e a imparcialidade, deixam à mostra a importância das vivências individuais e coletivas também para o foco da pesquisa científica.

Memória e narrativas orais de histórias de vida

A memória – que tem papel fundamental na metodologia da história oral – representa um importante objeto de reflexão e uma das grandes preocupações culturais e políticas das sociedades contemporâneas ocidentais, o que também a coloca como elemento de destaque para a pesquisa em Comunicação e justifica a interface metodológica aqui proposta. Maurice Halbwachs (1990), já no início do século XX, escrevia sobre a importância da memória em resguardar traços do passado como forma de se contrapor aos efeitos desintegradores da rapidez contemporânea. Assim, desde a segunda metade do século XX, as preocupações científicas com a memória começaram a tomar conta dos estudos das Ciências Humanas e Sociais. O conhecimento pôde se abrir para a subjetividade e o indivíduo passou a ter importância na sua condição singular.

As novas configurações midiáticas e tecnológicas do século XXI reforçaram ainda mais a ênfase ao papel do sujeito da Era da Informação. Segundo Castells, a “identidade está se tornando a única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações” (2005, p. 41). Cada vez mais observamos a contraposição entre “a rede e o ser”, entre o global e local, com a emergência do sujeito e do poder da identidade.

A identidade seria “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo social” (Castells, 2002, p. 22). Acompanhando a soberania do personagem singular, a importância das minorias e o destaque para os direitos e liberdades individuais, abre-se também espaço para a subjetividade na ciência, com a possibilidade de emergência de metodologias de pesquisa que possam dar conta desse panorama. Ou seja, quando a dimensão individual do ser humano passou a conviver ou se sobrepor às dimensões da coletividade, dos grupos homogêneos e da perspectiva de massas, povo e indústria cultural (ênfase e visão social da primeira metade do século XX, que foi tratada pelos estudiosos da Escola de Frankfurt), a subjetividade dos seres humanos pôde ser levada em consideração nas mais variadas dimensões da vida privada ou pública.

Assim, caminha-se para uma ciência plural, sem vozes únicas, em consonância com o cenário social que se configura e com as próprias mudanças da identidade no século XXI. Conforme destaca Hall, “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (2005, p. 8).

Para dar conta da identidade pós-moderna, a ênfase à memória e o papel fundante do testemunho oral serão valiosos para os estudos de comunicação e cultura. Afinal, é possível dizer que a memória se articula à produção de subjetividade (Gondar; Barrenechea, 2003, p. 7). E, quando expressa por um discurso, evidencia um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente (Freitas, 2002). Nesse sentido, o ato de contar histórias acompanha o homem desde o início das civilizações, antes mesmo da língua escrita. A fala constituiu-se em elemento fundador para que os relatos orais – fonte de saberes – ficassem gravados na memória dos indivíduos, transmitindo de geração em geração as crenças, magias, os valores e tradição acumulados.

Segundo Halbwachs (1990), a memória é social e coletiva. E a memória social deve ser vivida. Assim, há que se atentar para as especificidades das “histórias de vida”, pois, ao rememorar a sua trajetória de forma mais completa possível, o sujeito se esforça na construção de sua própria identidade, num resultado de apropriação simbólica do real, contando suas experiências, emitindo opiniões. Dando sentido aos gestos e fatos, aquele que rememora se torna sujeito de seus próprios atos, percebendo seu papel singular na totalidade social. Por serem dotados de força narrativa, os discursos produzidos pelo testemunho oral apresentam aspectos da realidade vivida insuspeitos ao pesquisador, o que os torna elementos de uma riqueza incomparável (Montenegro, 1993).

Calcadas nessa perspectiva é que novas correntes de estudos revivem as narrativas orais. Vale lembrar que a tradição oral, marcada pela inovação e pelo esquecimento, não é a história oral. No entanto, podem ocorrer “pedaços’ da tradição oral nas narrativas históricas e há uma dimensão política (e, portanto, histórica) nas práticas de tradição oral” (Alberti, 2005, p. 25).

O que não se pode perder de vista é que o discurso memorialístico é fruto de lembrança e esquecimento, contendo aquilo que o depoente/colaborador julgou importante ser registrado. Dessa forma, é possível analisar os registros do testemunho oral, normalmente chamados de depoimentos, como processos de recordação que permitem identificar o que os narradores pensam de si no presente e do passado. É importante ter em mente que as histórias narradas não se configuram como representações exatas desse passado, mas trazem aspectos dele moldados de forma a se ajustarem às suas necessidades e aspirações do presente.

É justamente nesse sentido que a pesquisa empírica em comunicação e cultura pode usufruir dos métodos que reavivam a memória das pessoas, num processo discursivo,

incrementado pelas narrativas orais de histórias de vida (ou história oral). Afinal, é preciso encontrar

“

[...] no âmbito dos estudos de comunicação e cultura, lugares ou situações que favoreçam a elaboração de uma subjetividade propícia à emergência de sujeitos sociais, entendidos aqui como atores, empenhados mais em produzir do que consumir normas sociais e identificados com lutas por mais liberdades e direitos.

(Mendonça, 2006, p. 27)

Narrativas orais de história de vida, cultura e recepção

Se a história oral, como foi destacado, é uma metodologia que pode trazer subsídios importantes para a análise de processos comunicacionais e culturais – não só na sociedade pós-moderna mas também no processo de recuperação de momentos históricos anteriores, que podem ser apreendidos por meio dos testemunhos orais – é preciso refletir também sobre o escopo teórico pertinente às pesquisas que se valem desse recurso.

Reforce-se, para dar subsídios a essa discussão, que as narrativas das lembranças individuais remetem facilmente o pesquisador às transformações culturais vividas e presenciadas pelo grupo ouvido. Ou seja, a dimensão social da memória coloca à mostra um complexo campo de significados que, quando analisados sob teorias sistematizadas, levam o pesquisador a uma diversidade de informações. Transforma-se a narrativa de um único sujeito histórico em rica fonte de pesquisa, pois como nos

diz Martín-Barbero: “a palavra que mobiliza as diferentes formas e capacidades de apropriar-se do mundo e dar-lhe sentido” (2003b, p. 70).

A natureza e a configuração da história oral permitem dizer que os estudos de recepção estão entre as pesquisas de comunicação que podem se beneficiar dessa metodologia. Os estudos de recepção tem, justamente, procurado investigar como as pessoas se apropriam e reelaboram os conteúdos dos meios de comunicação, aspectos que podem ser levantados por meio dos testemunhos e narrativas orais.

Uma das perspectivas para o entendimento dessa questão diz respeito às preocupações dos pesquisadores de recepção com a cultura das comunidades. Segundo Mendonça, a concepção de cultura se refere aos “sistemas de símbolos e atribuição de sentido às práticas e relações sociais” (2006, p. 33) em uma sociedade ou comunidade. A ideia reforça os estudos de comunicação e cultura que enfatizam as interações entre os meios de comunicação e as vivências e experiências individuais e cotidianas de pessoas dessa comunidade, tendo em vista a perspectiva teórica “de uma participação mais ativa de indivíduos e grupos na construção social dos sentidos” (Mendonça, 2006, p. 33).

Quando se fala em recepção dos meios de comunicação, ressalte-se que o conceito deve ser entendido a partir de um outro modelo de comunicação, que não o clássico linear: emissor-canal-mensagem-receptor (Mendonça, 2006, p. 28). Esse modelo considera cada um desses elementos como um dos objetos da comunicação e, como “objeto”, o receptor não aparece como sujeito de suas próprias ações, escolhas ou mesmo indivíduo autônomo para tomar decisões a partir de suas crenças, valores, ideias etc.

Os receptores-objetos, diferentemente dos receptores-sujeitos, não atribuem importância à sua própria existência e à dos outros, ou à diversidade de interesses, de crenças e valores (diversidade de sujeitos) que pode existir no interior de um

grupo “receptor da mensagem da comunicação”. Enfim, não se veem como indivíduos autônomos, de livre-arbítrio e não entendem que suas escolhas estão relacionadas às suas histórias de vida e à constituição de si como sujeito político e social. Nessa concepção, portanto, a história oral e seu uso como método de pesquisa não encontraria eco. Afinal,

“

[...] no que diz respeito ao papel dos receptores no processo de comunicação, essas análises [clássicas] retiravam dos “receptores” dos meios de comunicação qualquer possibilidade teórica de intervir ou de participar com sua criatividade e com elementos próprios de sua vivência.

(Mendonça, 2006, p. 27)

A experiência cotidiana dos indivíduos (e, portanto, sua expressão narrativa oral) ganha destaque quando os sujeitos-receptores são considerados sujeitos da ação, ativos e não passivos, e capazes de se apropriar criativamente do conteúdo dos meios. Assim, não se pode considerar o sujeito como alguém “refratário aos sentidos sociais preexistentes aos quais ele forçosamente se refere ao construir sua subjetividade” (Mendonça, 2006, p. 34).

No entanto, a pesquisa em comunicação que se utiliza da história oral poderá estudar tanto os meios como as mediações (Martín-Barbero, 2003a). Acreditamos que as duas possibilidades são pertinentes. Por meio de entrevistas de narrativas orais de histórias de vida, os pesquisadores podem obter dados para estudar os meios de

comunicação de massa em determinado período, mas é claro que sempre do ponto de vista do receptor e de sua percepção subjetiva.

Também podem deter-se nas mediações. Aí terão território privilegiado de estudo para o uso da história oral. Nesse caso, o comunicador não será um intermediário. Segundo Martín-Barbero (2003b, p. 69), o comunicador deverá ser um mediador num processo de comunicação que coloca em comum os sentidos da vida e da sociedade,

“

[...] o que implica dar prioridade ao trabalho de ativação, nas pessoas e nos grupos, de sua capacidade de narrar/construir sua identidade, pois a relação com a identidade não é meramente expressiva, mas constitutiva.

(Martín-Barbero, 2003b, p. 69)

Assim, os Estudos Culturais, ao privilegiarem a pesquisa em comunicação que não focaliza estritamente os meios, mas sim aquela que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática, estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos ou, ainda, em termos mais genéricos, entre práticas simbólicas e estruturas de poder (Jacks; Escosteguy, 2005, p.39). Nesse sentido, os métodos que lidam com as narrativas orais de histórias de vida, como o caso da história oral, tornam-se possibilidades efetivas de pesquisa empírica em comunicação, cultura e recepção.

Considerações Finais

Pelo exposto, percebemos que o pesquisador em comunicação, interessado em investigar a dimensão, possibilidades e potencialidades da recepção no interior de uma comunidade ou grupo social, não pode se eximir de se remeter ao âmbito da cultura e das relações sociais dos indivíduos que estuda. Para isso, pode recorrer à memória e às lembranças das pessoas, expressas em narrativas orais, para encontrar elementos e fontes que lhe possibilitem compreender o universo simbólico do grupo e sua relação com os meios de comunicação.

A memória e as narrativas orais de histórias de vida não são fenômenos de interiorização individual, mas sim construções sociais e coletivas, dessa forma sendo modeladas pelos próprios grupos sociais. Ainda devemos pensar que a memória não é o passado, mas a rememoração desse passado feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes no momento. Trata-se, então, de uma especificidade da narrativa de memória que coloca o sujeito da ação e do discurso em relação ao seu passado, presente e futuro.

Dessa forma, trazemos para a cena das pesquisas empíricas em comunicação a subjetividade do indivíduo. É necessário aceitar, nos relatos orais, toda sua carga de subjetividade – que sabemos presente – já que os discursos não são neutros. O narrador, de qualquer lugar social que narre, sempre fará uma edição dos fatos conforme suas crenças, ideias, valores, experiências, sentimentos, ideologias e imaginários.

Afirmamos, assim, que a história oral pode ser um método útil aos estudos de comunicação, e especialmente de recepção, no âmbito teórico dos Estudos Culturais, pois, embora haja ênfase ao subjetivo, isso não significa o abandono de regras ou de uma abordagem científica apropriada. ●

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *História Oral. A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- _____. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- CAMARGO, Aspásia. Prefácio. In: ALBERTI, Verena. *História Oral. A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. Vol. 1.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Vol. 2.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- GONDAR, Jô; BARRENECHEA, Miguel. *Memória e espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JAKCS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Maria. *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- _____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis (Org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- MARTINS, José de Souza. *O subúrbio – vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Caetano do Sul/São Paulo: Prefeitura Municipal/Hucitec, 1992.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MENDONÇA, Maria Luiza. Comunicação e cultura: um novo olhar. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). *Recepção mediática e espaço público*. Novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História – Memória, História, Historiografia*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ ago 1993.
- SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). *Recepção mediática e espaço público*. Novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.